

# MUDANÇAS NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA QUE DETERMINARAM SEU ALINHAMENTO AOS PAÍSES ALIADOS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL<sup>1</sup>

## *CHANGES IN BRAZILIAN FOREIGN POLICY THAT DETERMINED ITS ALIGNMENT WITH THE ALLIED COUNTRIES IN SECOND WORLD WAR*

João Vitor Alves da Silva Lodi Furtado<sup>2</sup>

André Jorge Dias De Moura Junior\*

### RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as mudanças de posicionamento do Estado brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial, com ênfase nas suas relações internacionais pré-conflito e durante o período da guerra. Será explorada a evolução do relacionamento do Brasil com a Alemanha Nazista, desde uma estreita relação comercial até a decisão de declarar guerra contra o país. São examinados os fatores políticos, econômicos e estratégicos que influenciaram essas mudanças de postura, bem como os fatores que mais impactaram essa decisão. Esta pesquisa se baseia em uma revisão da literatura, utilizando pesquisas bibliográficas e análises de documentos especializados. É realizado um levantamento abrangente de fontes como livros, artigos acadêmicos, relatórios e documentos históricos. A abordagem metodológica utilizada proporciona uma análise abrangente do assunto, contribuindo para uma compreensão mais precisa e fundamentada. Dessa maneira, embora a participação militar brasileira no conflito não tenha sido crucial, teve relevância política e moral. Dessa forma, os fatores internos que levaram o Brasil a ingressar no conflito incluíram a necessidade de investimentos estrangeiros, principalmente para o desenvolvimento industrial, enquanto os fatores externos envolviam pressões dos blocos em busca de recursos naturais e do fortalecimento de suas posições na América do Sul. Como resultados encontrados, foi observado que a entrada do Brasil na guerra teve como aspecto mais influente os fatores externos com destaque para a influência dos EUA. Em conclusão, esta pesquisa evidenciou a postura política e econômica do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, revelando um período de complexidade e transformações significativas na política externa do país. Em síntese, a posição do Brasil no conflito global refletiu as sutilezas e desafios enfrentados pela nação em um contexto internacional em constante evolução. O estudo desses eventos históricos contribui para uma compreensão aprofundada das dinâmicas políticas, econômicas e sociais que moldaram o Brasil e suas relações com o mundo ao longo do século XX.

**Palavras-chave:** Brasil; Segunda Guerra Mundial; Relações Internacionais; Política.

---

<sup>1</sup> Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA).

<sup>2</sup> Cadete Aviador do 4º Esquadrão (Turma Orthrus, 2023).

\* 1º Ten QOInt Graduado em Administração, com ênfase em Logística da Aeronáutica, pela Academia da Força Aérea. Especialista e Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília. E-mail:

[andrediasajdmj@fab.mil.br](mailto:andrediasajdmj@fab.mil.br)

## ABSTRACT

This research aims to analyze the shifts in the Brazilian state's stance during World War II, with an emphasis on its pre-conflict international relations and the wartime period. The evolution of Brazil's relationship with Nazi Germany will be explored, ranging from close commercial ties to the decision to declare war against the country. Political, economic, and strategic factors influencing these changes in posture will be examined, along with the factors that had the greatest impact on this decision. This research is based on a literature review, utilizing bibliographic research and analysis of specialized documents. A comprehensive survey of sources such as books, academic articles, reports, and historical documents is conducted. The employed methodological approach provides a comprehensive analysis of the subject, contributing to a more accurate and well-founded understanding. Although Brazil's military involvement wasn't pivotal, it held political and moral significance. Internal factors that led Brazil into the conflict included the need for foreign investments, particularly for industrial development, while external factors involved pressures from blocs seeking natural resources and strengthening their positions in South America. The most influential aspect found in this study regarding Brazil's entry into the war was external factors, notably the influence of the United States. In conclusion, this research highlighted Brazil's political and economic stance during World War II, revealing a period of complexity and significant transformations in the country's foreign policy. To sum up, Brazil's position in the global conflict mirrored the subtleties and challenges faced by the nation in an ever-evolving international context. The study of these historical events contributes to an in-depth understanding of the political, economic, and social dynamics that shaped Brazil and its relations with the world throughout the 20th century.

**Keywords:** Brazil; World War II; International Relations; Politics.

## INTRODUÇÃO

Completados em 2023 os 81 anos da declaração de guerra do Brasil contra os países do eixo<sup>3</sup>, fica evidente as mudanças nas relações exteriores do Estado brasileiro pré e pós-guerra. No período anterior ao conflito, o Brasil, governado por Getúlio Vargas, ainda era um país agrário e exportador de matérias primas, que buscava a sua industrialização (PANDOLFI, 1999). Para se industrializar, o governo necessitava de ajuda e dinheiro estrangeiro. Dessa forma, a eclosão da guerra mostrou-se uma oportunidade para tal feito.

Nos anos anteriores à beligerância, o governo brasileiro partilhava de boas relações com os EUA e com a Alemanha Nazista, principalmente com esta, pois segundo Gentile

---

<sup>3</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, o termo "Eixo" refere-se à aliança militar formada por três países: Alemanha, Itália e Japão. Essas nações eram consideradas as principais potências agressoras que buscavam expandir seu território e influência globalmente (Coggiola, 2015).

(2016), Getúlio compartilhava de algumas ideias fascistas<sup>4</sup> adotadas por Hitler. Essa simpatia gerou uma aproximação dos dois países, conforme mostram os dados do governo, “quando, em 1936, os dados estatísticos registram mais um avanço do progressivo aumento das exportações alemãs para o Brasil (em 1930 a Alemanha cobria 11,4% das importações brasileiras; em 1936, 23,5%)”(MENEZES, 2010). Outrossim, a aproximação das duas nações foi tão boa, que o Brasil chegou a negar vistos a pessoas de origem étnica judaica (GARCIA, 2005).

Antes mesmo do início das hostilidades, a preocupação da guerra não ficar restrita ao território europeu preocupava o governo. Assim, o chefe do Itamaraty<sup>5</sup> previu a dificuldade do país se manter neutro, para isso sugeriu uma série de ações, como: economia de recursos básicos (combustível e trigo), recrutamento da opinião pública a favor do governo, dentre outras (BUENO; CERVO, 2014).

Com a eclosão do conflito se mostrando cada vez mais próxima, o Brasil se vê entre os dois maiores beligerantes, porém mantendo uma posição de neutralidade. Contudo, a nomeação de Oswaldo Aranha para o cargo de Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Adicionado a degradação das relações diplomáticas teuto-brasileiras, por causa da proibição de propagandas político-ideológica do Partido Nazista nos estados do sul do Brasil (GARCIA, 2005, P. 114), fazem com que o governo se aproxime do bloco dos países aliados.

Com a eclosão dos combates e com o torpedeamento de navios brasileiros, por submarinos alemães e italianos, o Estado brasileiro corta relações com os países do eixo e declara estado de guerra. Contudo, a entrada do Brasil ao lado dos países aliados<sup>6</sup> não foi sem uma contrapartida dos EUA, o qual foi responsável pelo financiamento de uma siderúrgica em território nacional, como aponta Henrique (2018). Além de reequipar as forças armadas brasileiras e proporcionar ajuda na construção e reforma de aeroportos.

Dessa forma, o Brasil permite a entrada de militares americanos no país, os quais utilizam das bases aéreas no nordeste, primordiais para o esforço de guerra no norte da África e nas Filipinas, como apontam (BUENO; CERVO, 2014).

---

<sup>4</sup> Ideologia política e social autoritária que surgiu na Europa no início do século XX. Se caracteriza por uma forte ênfase no nacionalismo, totalitarismo, autoritarismo, militarismo e supremacia do Estado sobre os indivíduos. Ele promove um governo centralizado e autoritário (GRIFFIN, 1993).

<sup>5</sup> Termo frequentemente usado para se referir ao Ministério das Relações Exteriores (MRE).

<sup>6</sup> Os países aliados eram um grupo de nações que se uniram em uma aliança militar para se opor às agressões e expansão territorial das potências do Eixo. Os países aliados incluíam: EUA, Reino Unido, União Soviética, Brasil, entre outros (Coggiola, 2015).

Além disso, o governo envia para a Itália a Força Expedicionária Brasileira (FEB), para auxiliar no objetivo final das nações aliadas de “combater um sistema ditador que agredia todo o mundo” (SILVA, 2003, p.12).

Considerando o exposto acima, esse trabalho busca analisar como foram as mudanças de posicionamento do Estado brasileiro, tendo antes do conflito um bom relacionamento com a Alemanha Nazista e posteriormente tendo declarado guerra a esse mesmo país, tendo enfoque nas relações internacionais brasileiras pré-conflito e durante o mesmo.

Neste trabalho, buscamos entender como foram as mudanças de posicionamento de um governo que combateu ideologias extremistas, as quais possuíam certa aceitação dentro do seu próprio governo. Para isso, foi realizado um estudo comparativo entre quais aspectos externos e internos levaram o país a tais mudanças e quais as consequências internacionais que esse novo posicionamento acarretou, por meio do estudo de livros e artigos científicos. O presente estudo buscou responder a seguinte pergunta de pesquisa: Quais os principais fatores internos e externos influenciaram a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados?

Em conformidade com o problema de pesquisa apresentado, foi estabelecido como objetivo geral estabelecer qual dos fatores teve maior relevância na decisão brasileira.

A fim de orientar as ações de pesquisa para o alcance do objetivo geral, foram delimitados os seguintes objetivos específicos:

a) Realizar um estudo comparativo entre as motivações internas e externas que influenciaram a decisão do chefe de estado brasileiro.

b) Relatar como isso impactou a política externa brasileira.

Por fim, é importante mencionar que o estudo em questão é relevante devido às grandes mudanças advindas no governo após esses acontecimentos. Dessa maneira, será necessário a compreensão da conjuntura internacional da época, bem como a avaliação dos impactos geopolíticos sobre a decisão do Brasil em participar do conflito ao lado dos aliados.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo Fontes (2015), o Brasil, ainda nos anos 1930, encontrava-se distante do velho continente e testemunhava de forma inerte o aumento das tensões entre os países, causadas pela ascensão do nazismo. Contudo, essa década mostraria-se de extrema importância para a situação econômica e política do país durante os acontecimentos da maior guerra da história da humanidade. Mais tarde, a nação se encontraria no meio do conflito,

antes mesmo de ter a sua participação oficializada, tendo seus recursos naturais e sua colaboração disputados pelos dois principais países envolvidos no conflito.

Durante essa década, a sociedade brasileira foi marcada pelo surgimento e disseminação de ideologias fascistas, as quais, em um momento posterior, buscaram expandir sua influência e impor suas ideias em escala global. O principal movimento nacionalista inspirado no fascismo foi a Ação Integralista Brasileira (AIB). O integralismo brasileiro compartilhava características semelhantes ao fascismo europeu, como um nacionalismo extremado, autoritarismo, culto ao líder carismático, exaltação da nação e rejeição ao liberalismo e ao comunismo. Além disso, o integralismo defendia a coesão social, a hierarquia, o corporativismo e a valorização dos valores tradicionais (FAUSTO, 2006, p. 194-195).

Essas afinidades ideológicas resultaram em uma aproximação entre o integralismo e os regimes fascistas da época, como o regime de Benito Mussolini na Itália e o regime de Adolf Hitler na Alemanha. O integralismo adotou símbolos e rituais similares aos dos movimentos fascistas europeus, como a saudação com a mão estendida, em sinal de cumprimento.

Dessa forma, a convergência entre o integralismo e o fascismo se deu principalmente em termos ideológicos e na incorporação de determinadas características e rituais. Isso evidencia que, mesmo estando geograficamente distante do berço dessas ideias, elas foram capazes de alcançar e ganhar espaço no território e na consciência da população brasileira.

Nessa mesma década de 1930, como mostra Fontes (2015), o Brasil vê sua relação bilateral com a Alemanha aumentar vertiginosamente, comparado com as duas décadas anteriores. O país germânico necessitava de insumos básicos para manter em funcionamento sua forte máquina industrial. Para isso, são firmados acordos comerciais entre as duas nações. Como o “*modus vivendi* comercial entre o Brasil e a Alemanha”<sup>7</sup> de 1936 (GARCIA, 2005). Essa relação comercial faria com que o III Reich<sup>8</sup> se tornasse o maior exportador para o Brasil, superando os EUA no período de 1936-38.

Dessa forma, no início de 1938, no auge das relações comerciais-ideológicas brasileiras-alemãs, o governo por meio do Itamaraty emite uma circular secreta que orientava

---

<sup>7</sup> Concluído por troca de notas, em Berlim, *modus vivendi* comercial entre o Brasil e a Alemanha, com base em esquema de pagamento mediante compensação de marcos.

<sup>8</sup> O termo "Terceiro Reich" refere-se ao regime nazista na Alemanha, que durou de 1933 a 1945. Foi o período em que Adolf Hitler exerceu o poder como ditador, estabelecendo um governo autoritário baseado em ideologias ultranacionalistas e totalitárias. O termo "Reich" significa "império" em alemão (Coggiola, 2015).

os postos no exterior a negar vistos a pessoas de origem étnica semítica<sup>9</sup>, como informa Garcia (2005). Ainda em 1938, “o governo brasileiro assinou um contrato com a empresa alemã Krupp<sup>10</sup> para a aquisição de material bélico. Para os militares, o Brasil se encontrava desarmado em caso de guerra” (GARCIA, 2005, p.114). Entretanto, as relações entre as duas nações são estremecidas, quando em 1938 Vargas decreta a proibição de atividades políticas por parte de estrangeiros em território nacional. A crise tem o apogeu quando o embaixador alemão Karl Ritter é declarado *persona non grata*<sup>11</sup>, por seus protestos contra a repressão do governo às propagandas político-ideológica do Partido Nazista no sul do Brasil. Como represália, o governo nazista toma a mesma atitude em relação ao Ministério dos Negócios Estrangeiros brasileiro em Berlim. Nesse momento, mesmo com a simpatia pelos ideais propagados pelos países do eixo, Vargas começa a se afastar dessas nações.

Nesse período pré-guerra, mesmo com a delicada situação com a Alemanha, o Brasil mantinha boas relações com ambos os lados do futuro conflito, os quais estariam alguns anos mais tarde se digladiando nos campos de batalha. Porém, o país acaba se aproximando cada vez mais dos EUA, por intermédio do Ministro das Relações Exteriores do Brasil. O diplomata brasileiro Oswaldo Aranha, recém chegado dos EUA, era defensor de uma maior integração do país com os americanos, o qual foi um ator relevante neste processo de aproximação brasileira com o país para o qual foi designado como demonstra Henrique (2018).

Além disso, para o governo ditatorial de Vargas, as negociações sobre qual lado apoiar estavam relacionadas principalmente aos interesses econômicos e de desenvolvimento. A procura por indústrias de base, como siderúrgicas e processadoras de minérios em geral, orientavam as buscas do Estado. Nesse aspecto, os americanos tiveram vantagem, tendo maior facilidade e condições para financiar a construção da almejada indústria em território nacional, quando comparados com os alemães que nesse período da guerra, já em 1942, tinham dificuldades de financiar grandes obras em territórios longínquos como mostra Henrique (2018). Dessa forma, os americanos facilitaram a decisão brasileira sobre quem apoiar após a eclosão da 2ª Guerra Mundial.

---

<sup>9</sup> Pessoas de origem semítica se referem a um grupo étnico e linguístico que tem suas raízes na região do Oriente Médio e no norte da África. Esses povos incluem os judeus, os árabes, dentre outros.

<sup>10</sup> A Krupp foi uma empresa siderúrgica alemã fundada em 1811 por Friedrich Krupp, em Essen, na Alemanha. A empresa era responsável pela produção de locomotivas, navios, armamentos e equipamentos industriais.

<sup>11</sup> Expressão em latim que significa "pessoa não grata". Ela é utilizada para descrever uma pessoa que é considerada indesejável ou inaceitável em um determinado contexto ou país.

Porém, os americanos precisaram conquistar esse apoio de forma gradual. Para isso, o governo americano empenhava-se para que o Estado Novo<sup>12</sup> se alinhasse com ele, com esse propósito, os americanos investiram no *soft power*<sup>13</sup> e seduziram a opinião pública a seu favor.

A propaganda fez muito junto à opinião pública brasileira pelos eventos que estavam por vir, e a opinião pública frequentemente corria à frente das medidas governamentais. Ao final seria o povo brasileiro quem levaria o Brasil à guerra McCANN (*apud* DE OLIVEIRA, 2010).

Ademais, o governo americano convidou o Ministro das Relações Exteriores brasileiro para realizar uma visita oficial aos Estados Unidos, para regular as relações entre os dois países. Para realizar tal visita, foi criada a missão Aranha<sup>14</sup>. Essa missão, pode ser considerada como o fim da equidistância nas relações brasileiras com os alemães e americanos, como expõe Bueno e Cervo (2014).



**Figura 1** Cena da animação Alô, Amigos (1942), da Disney, filme em que Zé Carioca apareceu pela primeira vez - Demonstração de soft power.

Fonte: recuperado de

<https://www.otempo.com.br/entretenimento/personagem-que-e-a-cara-do-brasil-ze-carioca-esta-completando-80-anos-1.2718870>. Acesso em: 25 jul. 2023.

<sup>12</sup> O Estado Novo foi a fase ditatorial da Era Vargas, a qual durou de 1937-45, quando Vargas, aliado aos militares, realizou um golpe (Pandolfi, Dulce, 1999).

<sup>13</sup> É a habilidade de conseguir o que se quer pela atração e não pela coerção ou por pagamentos. Surge da atratividade de um país por meio de sua cultura, de sua política e de seus ideais. Quando se consegue que os outros admirem seus ideais e queiram o que você quer, não é preciso gastar muito com políticas de incentivo e sanções para movê-los na sua direção. A sedução é sempre mais eficaz que a coerção. (BALLERINI, 2017, p.11)

<sup>14</sup> A Missão Aranha foi uma importante comitiva de técnicos, cientistas e empresários brasileiros enviados aos Estados Unidos em 1939 com o objetivo de estreitar os laços comerciais e tecnológicos entre os dois países (BUENO; CERVO, 2014).

Outro membro significativo e influente do grupo dos Aliados, demonstrou interesse no apoio do governo de Getúlio Vargas. O Reino Unido, intensamente envolvido na guerra, necessitava de apoio para suprir sua cadeia produtiva, tanto em termos de equipamentos de guerra quanto de suprimentos alimentares para a sua população. Para os britânicos, era crucial isolar o comércio alemão, a fim de enfraquecer a poderosa máquina de guerra do país. Nesse sentido, os britânicos buscavam atrair o apoio do Brasil para o seu lado, a fim de auxiliar nos esforços de guerra dos Aliados e, por conseguinte, dificultar as ações de aquisição de recursos por parte dos regimes nazifascistas, como mostra Coggiola (2015).

Muitos foram os fatores que levaram o governo a declinar em favor dos aliados, tanto por precedentes internos ao Estado, como por fatores externos. Dito isso, uma das principais pressões internas foi a oposição de grupos políticos e sociais brasileiros à ideologias fascistas e às práticas autoritárias dos regimes do Eixo. Setores da elite política, empresarial e intelectual brasileira passaram a questionar a aproximação do governo Vargas com esses países, especialmente depois do início da Segunda Guerra Mundial e das denúncias de atrocidades cometidas pelos nazistas na Europa. Entretanto,

Através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que, além de exercer a censura sobre todos os meios de comunicação, investia maciçamente na propaganda do regime, Getúlio Vargas conseguiu reforçar sua imagem de protetor da classe trabalhadora (PANDOLFI 1999).

Com isso, o governo conseguiu o apoio dessa grande parcela da população.

Ademais, a aproximação do Brasil com os países do eixo gerou repercussões negativas com outros países, especialmente os aliados, que passaram a pressionar o governo brasileiro para que se afastasse do Eixo e se juntasse à luta contra o nazifascismo. Em complemento, a crise instaurada pela repressão as propagandas político-ideológica do Partido Nazista no sul do país somadas às mudanças nas circunstâncias políticas e econômicas globais também contribuíram para o afastamento de Vargas das nações do Eixo. Com o agravamento da guerra, os aliados conseguiram aumentar sua influência no cenário internacional e impuseram sanções econômicas e políticas aos países do eixo, o que tornou mais difícil para o Brasil manter relações comerciais com esses países, como aponta Fausto (2006).

Segundo Ferrer *et al* (2012), o clamor popular para que Getúlio Vargas declarasse guerra ao eixo foi intensificado quando submarinos nazifascistas atacaram navios mercantes brasileiros, culminando em quantidades expressivas de mortes. Como forma de represália a

tais atos, aviões da Força Aérea Brasileira começaram a bombardear submarinos alemães no atlântico sul.



**Figura 2** Propaganda Brasileira declarando Guerra às potências do Eixo.

Fonte: recuperado de <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brasil-uboaat-Propaganda.jpg>. Acesso em: 21 jul. 2023.

Como consequência do alinhamento com os norte-americanos, o Brasil aceitou que os militares americanos utilizassem as bases e instalações militares em território nacional, especialmente no norte e nordeste, com destaque para as bases aéreas de Belém, Natal e Recife. A base de natal possuía caráter estratégico para o esforço de guerra aliado, sendo de grande ajuda na campanha da África (PINHEIRO, 1995).

Com isso, o Brasil sob comando de Vargas começa a responder militarmente às hostilidades provocadas pelos nazistas. Entretanto, essa ação mostra uma ambiguidade no comportamento do governante, pois o presidente que colocou o país em guerra contra ditadores extremistas, simpatizava com algumas ideias de cunho fascistas defendidas por esses tiranos, como aponta Pandolfi (1999). Vargas toma essa atitude para mostrar à comunidade internacional, principalmente ao bloco dos aliados, os quais somados eram os maiores parceiros econômicos brasileiros, sua declinação com as ideias dos ditadores ultranacionalistas e que esse bloco poderia confiar e investir no Brasil, mesmo o país sendo governado por um ditador.

Após a declaração do estado de guerra, é criada a FEB, a qual seria enviada aos campos de batalha europeus. Esse ato consolida a posição do Brasil no exterior, como afirma Silva (2003, p.15): “Neste sentido a FEB para o governo brasileiro, tinha vários significados e objetivos, era responsável pela demonstração de poder do Estado, bem como meio para se conseguir certa hegemonia junto aos países da América Latina”. Além disso, mostra ao mundo que Vargas se distanciou da sua anterior simpatia ao fascismo e que lutaria para combater esse sistema opressor e extremista.

## **2 MÉTODOS DE ANÁLISE**

Para a realização desta pesquisa, será utilizada uma revisão sistemática da bibliografia, por meio de pesquisas bibliográficas e análises de documentos especializados sobre o tema. Para realizar a análise deste objeto, foram utilizados como principais referências teóricas os estudos de autores como Ferrer (2012), Gentile (2016), Henrique (2018), Menezes (2022) e Pinheiro (1995); livros, como os de Cervo e Bueno (2014), Ballerini (2017); as cronologias das relações internacionais do Brasil, por meio do trabalho de Garcia (2005).

Esse trabalho terá uma abordagem qualitativa. A fim de realizar uma análise comparativa dos fatores internos e externos que influenciaram a tomada de decisão de Getúlio Vargas em declarar guerra aos países do Eixo, será examinada a extensão na qual tais elementos impactaram a escolha do líder governante. Adicionalmente, serão consideradas as vantagens decorrentes do apoio aos Aliados em detrimento do Eixo, em termos do desenvolvimento do país. Será realizada também uma análise da conjuntura internacional da época e de como as mudanças geopolíticas afetam a decisão do Brasil em participar do maior conflito da história. Além de analisar como o país sob o comando de Getúlio Vargas se beneficiou militarmente e economicamente do seu envolvimento em tal cenário hostil.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com as ideias Nazifascistas influenciando de maneira significativa movimentos nacionalistas brasileiros como a AIP e com a proximidade e o interesse de Vargas por certas ideias disseminados por Hitler, como aponta Gentile (2016), a aproximação entre os governos brasileiros e alemães se torna cada vez maior durante os anos de 1930, tanto econômica como

ideologicamente. Dessa maneira, os nazistas chegaram a ocupar a posição de maior parceiro econômico do país em meados da década. Entretanto, em 1938, as relações exteriores brasileiras começam a ser alteradas, após o auge da diplomacia teuto-brasileira, essa mesma relação é abalada com a crise diplomática estabelecida pela proibição das propagandas do Partido Nazista no sul do país, e com a declaração de *persona non grata* do embaixador alemão.

Visto isso, e com a nomeação de Oswaldo Aranha para o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o qual já enxergava uma natural parceria com os EUA, como aponta Henrique (2018). Somado com a realização da missão Aranha, o Brasil caminha para aproximar-se mais dos EUA e distanciar-se da Alemanha.

Com o início das beligerâncias, o Brasil manteve inicialmente uma postura neutra, e essa neutralidade perdurou durante os três primeiros anos do conflito. Contudo, o governo via-se no centro de uma disputa entre os dois blocos antagonistas do conflito. Nessa disputa, ambos necessitavam dos recursos naturais amplamente disponíveis em território nacional para conseguirem sustentar suas "máquinas" e industriais de guerra, como aponta Fontes (2015).

Com o decorrer do conflito, a pressão interna e externa para que o Estado escolhesse um lado do confronto aumentava cada vez mais. O governo dos EUA vinha a algum tempo exercendo pressão pelo apoio do Brasil, utilizando principalmente do soft power e levando a opinião pública a pressionar o governo a apoiar os americanos, como mostra McCANN (*apud* DE OLIVEIRA, 2010, p.5) "ao final seria o povo brasileiro quem levaria o Brasil à guerra".

Com isso, o país se aproxima cada vez mais dos americanos, e com a concordância desses em financiarem a almejada siderúrgica de Vargas, juntamente com o torpedeamento de navios mercantes brasileiros na costa do país por submarinos U-Boot<sup>15</sup> alemães. O governo quebra relações diplomáticas com os países do eixo e o Estado Novo entra oficialmente no conflito ao lado dos aliados, como afirma Henrique (2018).

Porém, o estado-maior do exército apresentou uma avaliação realista, indicando que a participação do Brasil no conflito armado não seria crucial e indispensável. No entanto, destacou a relevância da presença brasileira no teatro de operações do ponto de vista político e moral, como manifesta Bueno e Cervo (2014).

Por conseguinte, a partir da análise da literatura, identifica-se que os principais fatores que levaram o país a ingressar no conflito foram:

---

<sup>15</sup> U-boat é a designação usada para se referir tanto aos submarinos alemães da Primeira como da Segunda Guerra Mundial.

### 3.1 FATORES INTERNOS:

A necessidade do governo por investimento estrangeiro, principalmente para desenvolver o parque siderúrgico, e avançar com o processo de industrialização. Além da pressão da sociedade após o torpedeamento de navios mercantes brasileiros.

### 3.2 FATORES EXTERNOS:

Pressão externa dos dois blocos para conseguirem o apoio brasileiro tendo em vista a grande quantidade de matérias-primas que o país conseguiria fornecer aos seus esforços de guerra. Somados a necessidade de fortalecimento da posição dos países beligerantes no cenário sul-americano, tendo em vista que o Brasil era um dos países economicamente mais fortes da região.

Ademais, pode-se analisar a entrada do país junto aos aliados em detrimento do eixo pelos seguintes fatores:

### 3.3 INFLUÊNCIAS INTERNAS:

Principalmente na figura do Ministro das Relações Exteriores, o qual enxergava uma natural aproximação com os Estados Unidos. Além da maior capacidade dos americanos quando comparados aos nazistas em fornecer empréstimos e itens industrializados, como armamento para as forças armadas. Pode-se destacar também, as pressões internas exercidas por grupos políticos e sociais brasileiros contrários às práticas autoritárias e à ideologia fascista. Em especial, a elite política, empresarial e intelectual brasileira, as quais passaram a questionar a aproximação do governo com esses países, sobretudo após o início da Segunda Guerra Mundial e as revelações de atrocidades cometidas pelos nazistas na Europa.

Entretanto, a opinião da classe trabalhadora a respeito do governo era bastante positiva, tendo em vista que Vargas implementou uma série de políticas voltadas para os trabalhadores durante o seu governo, além de controlar os meios de comunicação, o que gerou um apoio significativo por parte dessa parcela da sociedade (PANDOLFI, 1999).

### 3.4 INFLUÊNCIAS EXTERNAS:

Pressões dos Aliados: Os países aliados, como os Estados Unidos e o Reino Unido, exerceram pressão diplomática e política sobre o Brasil para que ele se unisse à causa dos aliados. Essas pressões foram intensificadas após o afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, o que resultou na morte de brasileiros e no agravamento das relações entre o Brasil e os países do eixo. Aliado ao interesse dos americanos em aumentar a sua influência no território brasileiro, utilizando de ferramentas como o soft power para atingir este objetivo.

Pressão dos países do eixo: Esses países, com a Alemanha em destaque, exerceram pressão diplomática e econômica sobre o governo brasileiro com o objetivo de obter sua adesão à aliança do eixo. Empregando estratégias como a oferta de fornecimento e financiamento de projetos de interesse nacional, incluindo bens industrializados e a construção de indústrias de base em território brasileiro. Buscava-se assim conquistar o apoio do país sul-americano. Contudo, em face da pressão exercida pelos países aliados para que o Brasil recusasse tais ofertas e da crescente aproximação do Brasil com esse bloco, os países pressionadores passaram a ameaçar o Brasil, com o propósito de manter sua posição de neutralidade e evitar sua entrada no conflito ao lado do bloco liderado pelos Estados Unidos. Além disso, os “alemães que nesse período da guerra, já em 1942, tinham dificuldades de financiar grandes obras em territórios longínquos” (HENRIQUE 2018), não eram mais vistos como grandes parceiros econômicos brasileiros. Visto isso, os nazistas teriam dificuldade em cumprir com as propostas de investimentos para com o governo brasileiro.

Interesses econômicos: O Brasil tinha interesses econômicos significativos durante o conflito. A entrada na guerra permitiria ao país receber ajuda financeira e investimentos estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos, além de estabelecer acordos comerciais vantajosos com os Aliados. A guerra também abriu oportunidades para o Brasil expandir sua produção industrial e exportar produtos para os países em guerra.

Dessa maneira, tanto as influências internas quanto externas pesaram na decisão brasileira de entrar na beligerância. Entretanto, é necessário pontuar os diferentes pesos dessas duas partes quando comparadas. As influências internas foram significativas na decisão de Getúlio, porém, a persuasão estrangeira foi mais importante na decisão do chefe de estado brasileiro.

Por conseguinte, Getúlio tinha a opinião pública a seu favor, pelo fato das reformas sociais implantadas por ele na década anterior e pelo controle dos meios de comunicação. Assim, a pressão interna, em relação a sua decisão era menor, vindo principalmente de grupos

sociais menores numericamente, como os intelectuais. Assim, a maior parte da população gozava de prestígio e confiança em seu governo.

Ademais, pela anterior proximidade com as ideias fascistas e o grande comércio principalmente com a Alemanha, o exterior não mostrava tanta credibilidade em Getúlio. Com isso, as pressões para que ele entrasse no bloco dos aliados e cortasse relações com o eixo eram grandes e feitas por figuras importantes no cenário internacional, como o governo americano e o inglês.

### 3.5 QUAL FATOR FOI MAIS INFLUENTE NA DECISÃO DE VARGAS:

Com base no que foi apresentado no trabalho, pode-se concluir que a influência do governo dos Estados Unidos, utilizando em conjunto do soft power e do seu grande poder econômico, conseguiram prevalecer na decisão do Estado nacional, em detrimento das vantagens e posteriores ameaças dos países do eixo. Visto, que uma relutância do governo brasileiro, poderia causar represálias de ambos os lados, as quais poderiam prejudicar severamente a economia brasileira. No entanto, ao analisar as vantagens apresentadas pelos blocos em questão, é possível inferir que a opção de aliança com o bloco dos aliados demonstrou maior benefício econômico para o governo brasileiro. Isso ocorreu em razão do fato de que os aliados dispunham de recursos mais abundantes para fornecer ao governo brasileiro. Conseqüentemente, pode-se concluir que a decisão do Brasil em apoiar os aliados foi mais vantajosa do ponto de vista econômico e para o desenvolvimento do país.

### 3.6 MUDANÇA DE POSICIONAMENTO DE VARGAS:

Com o agravamento da guerra, a opinião pública brasileira passou a se opor ao nazismo e ao fascismo, pressionando o governo a se distanciar dessas ideologias. Além disso, Vargas percebeu que a aliança com o eixo poderia prejudicar a economia brasileira, uma vez que os aliados poderiam retaliar com embargos econômicos.

Assim, Vargas começou a mudar sua postura, afastando-se das ideologias nazifascistas e adotando uma posição mais moderada e nacionalista.

### 3.7 MUDANÇA NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA:

Como resultado, houve uma transformação significativa na política externa do governo brasileiro. Antes do início das hostilidades, o governo estava alinhado com os ideais de países totalitários, principalmente os nazifascistas. No entanto, após os conflitos, o Brasil passou a se aproximar das principais potências democráticas. Isso se tornou mais evidente após a deposição de Getúlio Vargas em 1945 e a eleição de Eurico Gaspar Dutra por meio de voto popular.

O Brasil, então, passou a se posicionar ao lado das principais potências democráticas. Além disso, a participação do Brasil na guerra teve um impacto significativo em sua política externa. A presença do Brasil no teatro de operações e a aliança com os Estados Unidos e outros países aliados permitiram que o país aumentasse sua visibilidade e importância no cenário internacional. Isso reforçou a ideia de que o Brasil deveria desempenhar um papel de destaque na busca por soluções para os problemas internacionais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conclusão, o presente trabalho buscou destacar a posição política e econômica do Brasil em relação à Segunda Guerra Mundial, relatando um período de complexidade e mudanças significativas na política externa do país. Inicialmente, o Brasil estabeleceu relações comerciais abrangentes com a Alemanha, tornando-se seu principal parceiro comercial. No entanto, as tensões se intensificaram à medida que o governo de Vargas começou a se afastar das nações do eixo e se aproximar dos Estados Unidos.

Sobre quais foram os principais elementos internos e externos que influenciaram a decisão do Brasil de se unir aos aliados na Segunda Guerra Mundial. Pode-se concluir que a decisão do Brasil de se alinhar aos aliados foi motivada por uma combinação de fatores econômicos, políticos e estratégicos. Os interesses de desenvolvimento e as vantagens oferecidas pelos americanos, especialmente na construção de indústrias de base, pesaram na escolha do país. Além disso, a pressão interna e externa para se afastar dos regimes autoritários do eixo e a ameaça representada pela Alemanha para a segurança nacional também influenciaram a posição do Brasil.

A propaganda e a diplomacia exercidas pelos Estados Unidos desempenharam um papel crucial na conquista gradual do apoio brasileiro. Ao seduzir a opinião pública e demonstrar comprometimento com os valores democráticos, os americanos conseguiram influenciar a decisão do governo brasileiro. Além de proporcionarem vantagens econômicas que eram do interesse do governo.

Além disso, os fatores considerados de menor relevância na decisão brasileira, como o papel desempenhado pelo ministro das relações exteriores brasileiro e as pressões públicas exercidas pelos diversos grupos sociais dentro do território nacional, também desempenharam um papel significativo na determinação do alinhamento do Brasil com o bloco dos aliados. Embora tenham exercido uma influência menor, esses aspectos contribuíram para a definição da posição do Brasil na guerra.

Conclui-se, portanto, que a decisão do Brasil de entrar na guerra ao lado dos aliados resultou em ganhos econômicos e de desenvolvimento consideravelmente mais significativos em comparação com o apoio ao bloco do eixo. Nesse sentido, é relevante destacar a importância dos fatores externos, em particular a influência dos Estados Unidos, que incentivaram o Brasil a seguir o caminho dos países vitoriosos na Segunda Guerra Mundial. Ao considerar esses fatores, é possível concluir qual deles teve maior relevância na decisão brasileira.

Assim, a análise ressalta a importância tanto dos fatores internos quanto dos fatores externos na decisão brasileira. Enquanto os fatores internos, como o papel do ministro das relações exteriores e as pressões sociais, tiveram uma contribuição significativa, os fatores externos, especialmente a influência dos Estados Unidos, desempenharam um papel preponderante na definição do posicionamento brasileiro na guerra.

A participação do Brasil na guerra, por meio da Força Expedicionária Brasileira (FEB), foi uma fase importante para o país, demonstrando sua capacidade em combater o fascismo e contribuir para a derrota do eixo. A união com os aliados fortaleceu a posição internacional do Brasil e abriu caminho para sua participação na reconstrução do mundo pós-guerra.

Além disso, é possível inferir, com base no estudo realizado, de que maneira a decisão brasileira de se aliar às principais potências democráticas afetou a sua política externa. A participação do Brasil na guerra, em conjunto com a aliança estabelecida com os Estados Unidos e outros países aliados, fortaleceu sua posição e teve implicações significativas em sua política externa. Essa participação ativa no conflito aumentou a visibilidade e a relevância do Brasil no cenário internacional, reforçando a percepção de que o país desempenhava um papel relevante na busca por soluções para questões de natureza global.

No entanto, é essencial reconhecer a complexidade das decisões tomadas pelo governo de Vargas durante esse período. A ambiguidade de suas simpatias ideológicas e a

necessidade de conciliar interesses internos e externos desafiaram o país a encontrar seu caminho em um contexto global turbulento.

Em suma, a posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial reflete as nuances e desafios enfrentados pelo país em um cenário internacional em transformação. O estudo desses eventos históricos ajuda a compreender melhor as dinâmicas políticas e econômicas que moldaram o Brasil e suas relações com o mundo ao longo do século XX.

Dessa maneira, como sugestão para futuros estudos. Deixa-se aberta a questão de por qual motivo o Brasil não aceitou o convite para fazer parte da tropa interventora na Áustria no pós-guerra, visto que mesmo tendo em foco o alto custo de tal ação, isso consolidaria ainda mais a posição brasileira no cenário internacional.

## REFERÊNCIAS

- BALLERINI, Franthiesco. **Poder Suave (soft power)**. Summus Editorial, 2017. Disponível em:  
[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&id=kiR0DgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=soft+power&ots=qrsRpvhGdi&sig=e5IH5FNJIDAPKH4FthrnL63Q7pQ#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=kiR0DgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=soft+power&ots=qrsRpvhGdi&sig=e5IH5FNJIDAPKH4FthrnL63Q7pQ#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 02 maio 2023.
- BRASIL. **Propaganda Brasileira anunciando declaração Guerra as potências do Eixo**. 10 nov. 1943. poster. Disponível em:  
<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brasil-uboaat-Propaganda.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial: Causa, Estruturas e Consequências**. São Paulo: Edusp, 2015. Disponível em:  
<https://www.infolivros.org/pdfview/4092-a-segunda-guerra-mundial-causas-estrutura-consequencias-osvaldo-coggiola/>. Acesso em: 1 jul. 2023.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. 4. ed. rev. e aum. Brasília: Universidade de Brasília, p. 595, 2014.
- DISNEY, Walter. **Cena da animação Alô, Amigos (1942), da Disney, filme em que Zé Carioca apareceu pela primeira vez: Demonstração de soft power**. 1942. ilustração. Disponível em:  
<https://www.otempo.com.br/entretenimento/personagem-que-e-a-cara-do-brasil-ze-carioca-esta-completando-80-anos-1.2718870>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- FERRER, Jorge Luiz Pereira; ZHEBIT, Alexander; DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Sobre as políticas externas da Argentina, do Brasil e do Chile com relação à Alemanha, aos Estados Unidos e à Itália entre a Conferência de Lima e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1938-1942)**. Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, v. 16, n. 2, p. 547-569, 2012. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526885010.pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.
- FONTES, Márcio Schiefler. **Recursos naturais nas relações internacionais: o precedente do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 7, n. 1, p. 109-132, 2015. Disponível em:  
<https://www.redalyc.org/pdf/3373/337333727007.pdf>. Acesso em: 01 maio 2023.
- GARCIA, Eugênio Vargas. **Cronologia das relações internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. Disponível em:  
[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/63396377/xArquivo\\_unico\\_Cronologia\\_das\\_RI\\_do\\_Brasil\\_3a\\_Edicao\\_201820200522-51863-s9tab1-libre.pdf?1590162614=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCronologia\\_das\\_Relacoes\\_Internacionais\\_d.pdf&Expires=1688391637&Signature=WbceEc-7wt66JogcAB-Kje~5ZBeEBVCvCL6HBDq3co7Gh-P24GrzyI2oTGqIE6RLnoDE1zE7HrGXHDJcsGkw7ym1PX76V-yf~5qFPxKO5hWZQDWPss9J](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/63396377/xArquivo_unico_Cronologia_das_RI_do_Brasil_3a_Edicao_201820200522-51863-s9tab1-libre.pdf?1590162614=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCronologia_das_Relacoes_Internacionais_d.pdf&Expires=1688391637&Signature=WbceEc-7wt66JogcAB-Kje~5ZBeEBVCvCL6HBDq3co7Gh-P24GrzyI2oTGqIE6RLnoDE1zE7HrGXHDJcsGkw7ym1PX76V-yf~5qFPxKO5hWZQDWPss9J)

[7TOT4DWZyy-hIRtQLjnDBFt5bvVwwZDhMscXjxrjOMw71P8I18Bq5gx3AJS6pFbH~aDAjtm11449uotk7RaL5kZh-RIjABZBIc7AUk7-zDgGR1k0BtSsf8KxFCy5EEIDxSvBDAYm-ET74pE6en9AgGZ1VU3r7QQvXMskfnyTMZIDFrJYrPJVp9RHMpSc1MxBNBeElGtAJFaCN-m7MB2C12kmn7TCzxsng\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/42/1465597143_ARQUIVO_textoanpuh.pdf). Acesso em: 04 maio 2023.

GENTILE, Fabio. **O corporativismo fascista: um modelo para o Brasil nacionaldesenvolvimentista de Getúlio Vargas**. In: *Memorias del Congreso Internacional "La Modernidad en cuestión: confluencias y divergencias entre América Latina y Europa, siglos XIX y XX*, p. 297-317, 2016. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/42/1465597143\\_ARQUIVO\\_textoanpuh.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/42/1465597143_ARQUIVO_textoanpuh.pdf). Acesso em: 22 ago. 2022.

GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism**. Londres: Psychology Press, 1993. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=544bouZiztIC&oi=fnd&pg=PR5&dq=Griffin,+R.+\(1993\).+The+Nature+of+Fascism.+Routledge.&ots=XGtKdJ09KU&sig=PSmLi1UiozukdI1Z9yQfmkE5CMY#v=onepage&q=Griffin%2C%20R.%20\(1993\).%20The%20Nature%20of%20Fascism.%20Routledge.&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=544bouZiztIC&oi=fnd&pg=PR5&dq=Griffin,+R.+(1993).+The+Nature+of+Fascism.+Routledge.&ots=XGtKdJ09KU&sig=PSmLi1UiozukdI1Z9yQfmkE5CMY#v=onepage&q=Griffin%2C%20R.%20(1993).%20The%20Nature%20of%20Fascism.%20Routledge.&f=false). Acesso em 06 maio 2023.

HENRIQUE, Heitor Esperança. **As relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial**. Revista Eletrônica Discente História. com, v. 5, n. 10, p. 03-23, 2018. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/941>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MENEZES, Albene Miriam *et al.* **As Trocas Comerciais nos Cenários Internacional e da Modernização Vargasista na Década da Grande Depressão (Os Conturbados Anos 1930)**. [S. l.], 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/siscomex/pt-br/servicos/aprendendo-a-exportar/curiosidades-e-fatos-historicos/os-conturbados-anos-1930-1931-2013-1940#:~:text=Quando%2C%20em%201936%2C%20os%20dados,de%201936>. Acesso em: 23 ago. 2022.

PANDOLFI, Dulce Chaves et al. **Repensando o estado novo**. 1999. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6762/142.pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.

PINHEIRO, Leticia. **A entrada do Brasil na segunda guerra mundial**. Revista USP, São Paulo, n. 26, p. 108-119, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28153/29964>. Acesso em: 17 set. 2022.

FAUSTO, Boris. **HISTÓRIA CONCISA DO BRASIL**. 12ª. ed. São Paulo: Edusp, p. 194-195, 2006. Disponível em: <https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/boris-fausto-historia-do-brasil.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SILVA, Leticia Borges da. **Histórias de guerra: a participação da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial**. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19631/1/HistoriasGuerraParticipacao.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.